

REPORTAGEM ESPECIAL

Pesquisa do Sicredi aponta que 70 milhões de brasileiros não se preparam para a aposentadoria

Com expectativa de vida maior, especialistas alertam para a necessidade de construir patrimônio e garantir renda para um período mais longo

Ana Esteves
Especial para o JC

O planejamento financeiro pode começar em qualquer idade, inclusive depois dos 50 anos, mas pensar a longo prazo nem sempre é confortável. “Tem estudos que mostram que o cérebro entende o guardar dinheiro como se estivessemos dando esse valor para estranhos”, explica a consultora de desenvolvimento do cooperativismo da Central Sicredi Sul Sudeste, Júlia Elisabeth Marx Tagliari. Uma pesquisa sobre Prosperidade do Brasileiro, realizada pelo Sicredi em parceria com o Datafolha, aponta que 70 milhões de brasileiros em idade ativa estão fora de qualquer sistema de previdência pública ou privada.

São pessoas que trabalham, muitas vezes como autônomas, mas não fazem investimentos direcionados à aposentadoria. O dado acende um alerta diante do aumento da longevidade. De acordo com o IBGE, uma pessoa que hoje tem 40 anos e se aposenta aos 65 pode precisar financiar 22 anos ou mais de vida sem a renda do trabalho.

Na prática, o período após a aposentadoria pode ser tão longo quanto a própria trajetória profissional. “Pela expectativa de vida, temos exatamente o tempo que provavelmente está trabalhando para viver, mas sem essa renda do trabalho”, afirma Júlia.

Segundo a especialista, para quem tem 50 anos ou mais, a

sensação de que “já é tarde demais” pode se transformar em mais uma barreira. A orientação, porém, é justamente o contrário. “Não está tarde para começar”, aconselha. Júlia destaca que o Sicredi conta com cursos de educação financeira online gratuitos, abertos ao público em geral, e assim como palestras para diferentes públicos.

“Tivemos mais de mil ações falando sobre o tema de educação financeira”, diz Júlia, referindo-se à 13ª Semana Nacional de Educação Financeira (Semana ENEF) com o tema Educação Financeira: construindo um futuro com longevidade e prosperidade, realizada em maio deste ano.

Entre as recomendações para quem quer começar a se planejar, ela indica que, a cada três meses, seja feito um levantamento exato de quanto entra e quanto sai. A tarefa inclui considerar a renda líquida e detalhar os gastos por categoria: alimentação, combustível, energia elétrica, lazer, transporte e demais despesas.

Também é importante identificar custos fixos e sazonais. A ideia é transformar o orçamento em uma imagem real da vida financeira. Muitas vezes, pequenos gastos passam despercebidos no dia a dia: os R\$ 10 de uma compra, os R\$ 29 de uma assinatura ou as pequenas corridas de aplicativo parecem pouco isoladamente. Somados, porém, podem representar um valor significativo ao fim do mês. “São aqueles R\$ 10,00, mais R\$ 10,00, mais R\$ 10,00 na fatura do cartão de crédito que podem virar R\$ 3 mil”, resume a especialista.

Fazer um raio-X das finanças também pode ajudar quem está endividado a enxergar a própria situação sob outra perspectiva. Júlia conta que, quando trabalhava em uma agência bancária, era



Pequenos gastos podem passar despercebidos no dia a dia, mas, somados, tendem a gerar valor significativo

comum ouvir clientes afirmarem que não tinham patrimônio porque “tudo era do banco”. Nesses casos, ela propunha um exercício simples: calcular quanto da dívida já havia sido quitado e quanto ainda faltava pagar. “Se eu já paguei mais de 50% dessa dívida, essa parcela do patrimônio já é minha”, explica.

A mesma lógica vale para a renda. Além do salário, benefícios como vale-alimentação, plano de saúde e cesta básica represen-

tam valores que deixam de sair do orçamento mensal. O FGTS e investimentos já realizados também devem ser considerados na fotografia financeira. O objetivo é enxergar o patrimônio e os recursos existentes antes de concluir que não há nada construído.

Depois de entender a própria realidade, a orientação é estabelecer objetivos e automatizar o hábito de investir. Uma das estratégias sugeridas é tratar o investimento como uma conta fixa,

com desconto automático todos os meses.

A lógica é “se pagar primeiro”, em vez de esperar o fim do mês para guardar o que eventualmente sobrar. O valor inicial, segundo Júlia, não precisa ser alto. Até mesmo R\$ 20 mensais podem ajudar a criar o hábito. A automatização reduz a possibilidade de o dinheiro ficar disponível na conta e ser consumido por uma compra por impulso ou por uma promoção.

TÂNIA MEINERZ/JC